REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 280

1 DE OUTUBRO 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇAO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

D. AFFONSO XIII DE HESPANHA E A RAINHA D. CHRISTINA (Segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

Cá estou já outra vez, sentado á meza da redacção do OCCIDENTE, na travessa do Convento de Jesus, n.º 4, uma casa ás ordens de V. Ex.ª.

Os vinte e um dias de ferias com que o meu estomago brindou a minha penna passaram rapidos como um sonho, e agora Vigo, Porto, Bom Jesus e Espinho já tomaram o seu logar no doce archivo das recordações saudosas.

Por um acaso singular, sahi do Porto em pleno inverno, e entrei em Lisboa em ardente verão.

É verdade que a eternidade que tive o prazer de passar dentro de um compartimento de 1.ª classe — reservado graças á amabilidade de um meu bom e illustre amigo — desde a estação de Campanhã até á gare de Santa Apolonia, explica satisfatoriamente esta mudança de estação, e sem nenhuma apparencia de milagre.

Imaginem — e n'este caso ao contrario do que diz Camões, *é muito melhor imaginal-o que experimental-o* —, imaginem que entrámos no comboio, no Porto, ás 7 horas e um quarto da manhã, e que ás 11 horas da noite ainda esperavamos dentro do mesmo comboio sobre os *rails* da estação de Santa Apollonia, que a machina fizesse as suas evoluções para empurrar, á carangueijo, os wagons até ao apeadeiro, onde nos esperavam alguns amigos dedicados e pacientes, cuja amizade, á prova de tudo, resistira heroicamente a uma hora de espera.

Dezeseis horas de viagem do Porto a Lisboa!

Francamente, para chegar a estes brilhantes resultados não valia a pena acabar com as antigas diligencias, que tinham no fim de contas o seu quê de bom, quando mais não fosse o pittoresco dos salteadores de estrada, e as commoções tragicas da travessia do pinhal da Azambuja.

Entretanto nós agradecemos a esse comboio de sabbado a intenção delicada que teve na sua extraordinaria e fatigante demora, como agradecemos egualmente penhoradissimos a um hotel do Porto a carne azeda e o chá com fumo que nos serviu ao almoço do dia em que partimos para o alto Minho, como agradecemos cheios de gratidão ás obsequiosas nuvens que no dia da nossa partida do Bom Jesus do Monte despejaram sobre Braga cataractas de agua: tudo isso, comprehendemol-o reconhecidissimos, foi da parte da nuvem, do cosinheiro e do machinista uma maneira habil e delicada de espanejar do nosso espirito as saudades que com certeza nos torturariam se deixassemos o Bom Jesus com um explendido dia de sol, como a natureza nos fez o favor de alli nos dar muito, se deixassemos o hotel com um magnifico almoço bem fabricado, como o cosinheiro nos fez a amabilidade de apresentar bastantes, se deixassemos o comboio com uma viagem rapida e bem servida, como encontrámos algumas — ainda que raras.

Assim, ao pormos pé no solo lisboeta, do nosso peito opprimido por 16 horas de encafuamento sahiu um alegre suspiro de allivio em vez de um dolorido ai de saudade; não foi uma viagem de recreio que acabou alli no caes dos Soldados, foi uma viagem de massada, e isso deu-nos muito mais coragem e muito mais bom humor para entrarmos na lida quotodiana da nossa vida de Lisboa.

E, diga-se a verdade, apesar de ser longa, demasiadamente longa, essa viagem não foi tão massadora como á primeira vista poderia parecer. O dia estava excellente para viagem: o sol fez-nos o favor de se embuçar muito bem embuçado n'umas nuvens muito amaveis e inoffensivas que se limitaram ao papel benefico de *abat-jour*, sem tomarem o aspecto aggressivo de regadores: o calor parece que tinha vindo passear para Lisboa, o caso é que durante todo o trajecto de Porto a Lisboa não o encontrámos em nenhuma das estações; nos compartimentos contiguos aos nossos iam visinhos amaveis com quem conversavamos agradavelmente nas numerosas e prolongadas paragens que o comboio fez por essa linha toda: na Pampilhosa almoçámos deliciosamente um almoço feito pelas bentas mãos do proprietario do *restaurant* da estação, que é nem mais nem menos do que o cosinheiro mais notavel que tem havido no Hotel Bragança de Lisboa; nas estações de Pombal, Soure e Chão de Maçãs assistimos a umas scenas dilacerantes de tragicas despedidas que nos commoveram muito ao principio, que nos impressionaram profundamente emquanto não soubemos qual era a lettra que acompanhava aquelle gritado coro lacrimoso.

Noites antes, na praia do Espinho, tinhamos ouvido musica egual.

Ouvidos lisboetas não fazem bem idea do que é um coro carpido em ruidoso berreiro por meia duzia de robustas mulheres do campo, que teem os pulmões sadios, creados no bom ar puro dos campos, e a glotta educada habilmente na gritaria aos bois que andam ao arado e aos filhos que fazem diabruras.

Tres d'essas mulheres valem bem por todo o corpo de coristas do theatro de S. Carlos: a sua gritaria atroa os ares, e os seus berreiros plangentes fazem comprehender perfeitamente o que seriam as antigas e legendarias carpideiras.

A primeira vez que os nossos ouvidos encontraram essa musica estranha foi, como dissemos, em Espinho, ao entrar para a Assemblea.

Ficámos profundamente surprehendidos, assustados até. Imaginámos que tinha acontecido algum grande desastre, que se tinha dado algumas d'essas tragicas catastrophes em que a provincia abunda.

Demais a mais a gritaria vinha das bandas da linha ferrea.

Aproximámo-nos interessados e curiosos.

A locomotiva seguia alem tranquilla, calma, como se nada fosse com ella, atirando pausadamente para o azul as suas baforadas esbranquiçadas de fumo.

— Foi o comboio que esmagou alguem, calculámos logo.

E avançámos esperando ver a cada momento qualquer creatura humana transformada n'uma massa informe de carne triturada e de ossos esmigalhados, d'essa massa que as locomotivas sabem tão bem amassar.

Chegamos e não era nada d'isso, graças a Deus.

As mulheres que gritavam, que soltavam esses gemidos sinistros que em Lisboa teriam alvoroçado toda a população e que alli já não alyoroçavam ninguem, porque a musica era já muito conhecida — diziam adeus com grandes lenços para o comboio que desapparecia...

Perguntámos então o que vinha a ser aquillo.

— São mulheres que se despedem dos homens que vão para o Brazil.

Coitadas! comprehendemos essa dôr ruidosa, porque no fim de tudo, o Brazil para aquella gente ainda é alguma cousa mysteriosa, tenebrosa, como a India para os antigos.

Pois no dia do nosso regresso a Lisboa encontramos nas estações que já citamos a repetição das mesmas scenas.

Junto ás portas das estações dezenas de mulheres gritavam e accenavam com lenços, a um grupo numeroso de homens que de chapeu desabado, cobrijão ás costas, varapau ao hombro, tendo n'elle enfiadas volumosas trouxas de bagagem, eram mettidos na terceira classe, a trouxe mouxe como feras n'uma jaula.

No Pombal mesmo, assistimos a uma scena ainda mais dilacerantemente dramatica: n'uns vallados que a linha ferrea costêa, uma velha esperava a passagem do comboio de joelhos, com as mãos erguidas e o rosto, cheio de rugas e queimado pelo sol, convulcionado n'uma profunda supressão de dôr.

O comboio passou e essa desolada, gritava como se lhe arrancassem as entranhas, curvava-se para o chão, beijava a terra, como uma pantheista fanatica e atirava beijos frementes á locomotiva que passava.

Impressionou-nos esta scena melodramatica e na primeira estação em que o comboio parou inquerimos de um dos empregados do caminho de ferro para onde ia aquella pobre gente.

— Uns vão trabalhar para o caminho de ferro de Torres, outros para as vindimas no Carregado.

E era por isto que aquelle mulherio enchia os ares com o esse berreiro lacrimoso!

Esses passageiros de terceira classe que tantas lagrimas fizeram chorar, foram precisamente quem nos atrasou a viagem.

Accomodal-os nas carruagens á entrada, e despejal-os á saída levou tempos sem fim.

No Carregado a estação encheu-se de camponios que faziam uma bulha de todos os demonios a chamar uns pelos outros e a procurar pelos objectos que tinham esquecido nas carruagens: um deixou lá a enchada, outro o machado, outro o cobertor, e tinham perdido o tino do compartimento em que vinham, e o comboio esteve horas sem fim á espera não de que elles encontrassem os machados e as enxadas, mas apenas de que encontrassem a carruagem.

Finalmente ás 11 horas da noite tivemos o prazer tão demorado de nos apearmos na estação de Santa Apolonia, e d'alli a nada dormiamos regaladamente o nosso somno tão bem ganho, na nossa cama, de que tinhamos estado ausentes justamente tres rapidas semanas.

Um bom somno, que devemos em grande parte a moideira com que nos obsequiou o comboio, somno de que despertamos ao estalar festivo dos foguetes que no domingo de manhã annunciavam á população de Lisboa que tinha entrado no Tejo depois de dois mezes de ausencia o rei de Portugal, el-rei D. Luiz, o illustre soberano que o paiz inteiro estima e respeita pelas suas altas qualidades de rei e de homem e que lá fóra, no estrangeiro foi por toda a parte recebido com uma sympathia cordeal, com homenagens respeitosas e amigaveis que se reflectem tambem sobre todo o paiz.

Puzemo-nos em pé n'um momento, vimos ainda da nossa janella desfilar pelo Tejo, calmo como um bello lago, a formosa esquadrilha embandeirada, que acompanhava o navio em que vinha sua magestade.

D'alli a instantes el-rei desembarcava no Arsenal entre as saudações alegres do seu povo, ao lado de sua esposa e de seus filhos, e nós temos o prazer e a honra de nas primeiras linhas que depois do nosso regresso a Lisboa escrevemos para jornaes, enviarmos a nossa saudação de boas vindas, a D. Luiz de Bragança, ao augusto monarcha e ao illustre homem de lettras que é por todos os titulos o primeiro cidadão do nosso paiz.

Gervasio Lobato.

D. AFFONSO XIII

A paginas 25 do presente volume encontram os nossos leitores o retrato e biographia da rainha Christina, viuva de D. Affonso XII, e actual regente de Hespanha, na menoridade de seu filho D. Affonso XIII.

O infantil rei de Hespanha ainda não tem biographia, e a data do seu nascimento (17 de maio) é por emquanto o facto mais importante que se registra na sua vida, ainda cingido pelas faxas infantis e embalado nos braços da ama que o amamenta ao seu seio.

Não se pode portanto ser um rei mais inoffensivo e irresponsavel, nem mais exempto de malquerenças ou odios populares.

Entretanto a pesada corôa de Castella paira-lhe sobre a cabeça como uma ameaça terrivel e tyrannica que amedrontaria os mais fortes.

Os ultimos acontecimentos do reino visinho confirmariam a nossa asserção se ella não estivesse de ha muito confirmada pelo viver agitado e irrequieto do povo hespanhol.

Os gritos das revoltas, o troar dos canhões, e a fusilaria sustentada pela guerra fratricida, são o côro desesperado que o povo canta em torno do berço do seu rei, e que o esforço heroico de uma mãe mal consegue abafar, arrostando com responsabilidades que lhe não pertencem e que debalde procura conjurar, com todos os thesouros da sua alma bondosa e do seu coração compungido.

O grito de revolta levantado, em a noite de 20 de setembro ultimo, pelo general Villacampa, á frente de alguns revoltosos do regimento de Garellano e de paizanos, prova a grande lucta que se trava em Hespanha contra o throno, e muito embora essa revolta quasi não passasse de ser uma sortida, por lhe não terem correspondido os elementos com que parece contavam os revoltosos, é certo que ella não deixa de ser um elo da grande cadeia revolucionaria que se estende por toda a Hespanha.

É triste o ser rei em taes circumstancias, amparado apenas no regaço de uma mãe carinhosa, que chora em seu logar e por elle os males que affligem o seu paiz, de que elle por emquanto só conhece o sol brilhante que lhe allumia as campinas, onde raro viceja uma folha verde.

Estaria em pouco para a Hespanha se os seus males encontrassem prompto remedio na mudança de systema governativo, mas cremos que o seu mal é mais fundo, elle está nos seus costumes, nas suas tradicções, na sua indole, e os seus costumes, as suas tradicções e a sua indole não podem estar mais em opposição com as idéas democratas e republicanas.

D'aqui até que Affonso XIII tenha consciencia dos seus actos e suba pelo seu pé ao throno de Hespanha, poderá ser tantas vezes desthronado quantas acclamado, porque se depois d'elle está a republica ou o absolutismo, depois da republica ou absolutismo torna a estar Affonso XIII.

C. A.

A INDIA PORTUGUEZA

É este o titulo de um livro prestes a sahir dos prelos da Imprensa Nacional, e escripto pelo sr. Lo-

pes Mendes, em resultado de uma demorada viagem que fez na India.

São muitas as bellezas d'este livro, não só pelo assumpto que é do maior interesse, mas ainda pela grande profusão de desenhos que o illustram, feitos do natural pelo proprio auctor do livro, e que todos elles reproduzem as paisagens, monumentos, logares celebres, costumes e typos indianos, de que é uma pequena amostra a explendida pagina que publicamos.

No *Correio da India* encontramos um magnifico artigo escripto por um distincto estylista, o sr. F. d'Ayala, natural da India, em que descreve brilhantemente o livro do sr. Lopes Mendes, e revella a grande impressão que lhe fez.

Eis o artigo, de que extractamos a segunda parte.

«A segunda cousa de que me proponho fallar e que despertou em mim um vivo interesse, é de um livro que vae obter um grande successo no mundo scientifico e artistico. Eu penso mesmo que esse trabalho é o unico no seu genero e hade o seu auctor merecer dos filhos da India uma gratidão e admiração condignas.

«Outro dia tendo eu ido visitar o sr. Antonio Lopes Mendes, nosso antigo deputado pelo circulo de Bardez, e admirar o modesto trabalhador que no seu gabinete de estudo concentra o mundo da arte e da sciencia, levado pela noticia de que estava a publicar um estudo sobre a India Portugueza, qual não foi o meu espanto quando s. ex.ª se dignou apresentar-me os innumeros *croquis* que aformoseam o seu livro e que representam toda a vida do paiz que me foi berço. Passeei com elle as nossas villas; hauri a frescura das nossas pittorescas paisagens campestres; atravessei os despenhadeiros do Gattes; sentei-me á porta dos pesados e sombrios pagodes; adorei como um zoroastro aquelle sol rubro e vivificador; assisti ás festas mais extranhas do gentilismo; vi os templos que se alteam magestosos e as ermidas brancas e festeiras a despertarem em mim não sei que musica silvestre; assisti á genese das omnipotencias que se desencadeam bellas d'aquella natureza soberana e imponente e depois... vi as ruinas d'um mundo outr'ora admirado por Pyrard e Linschot e lembrei-me d'estes versos de Bocage:

Cahio Goa, terror antigamente
Do Naire vão, do perfido Malaio,
De barbaras Nações... oh? que desmaio;
Apaga o Marcio ardor da Lusa gente.
Albuquerque terrivel, Castro forte
Menezes e outros mil vossa memoria
Vinga as injurias, que nos faz a Sorte.

«Tudo isto me fez bem e mal. Avivou-me a saudade d'aquelle sereno e lympido Mandovy, que tantas vezes acolhera as saudosas lagrimas do epico portuguez e senti-me extasiado por ver que um homem que não era da India pudesse ter tanto interesse pelas suas cousas. Desde o morro do Cabo até os sitios mais sertanejos das Novas-Conquistas; desde a risonha e amena cidade de Nova-Gôa até a solitaria choça do triste gentio; desde a barra raivosa de Gôa até a cascata de Ervalem e as encantadoras *huris* de Sirodá, desde o vulto guerreiro d'Albuquerque até o lazarento *fakir*... tudo, tudo emfim se desfilou ante os meus olhos humidos de saudade e o meu coração triste, como esta noite de inverno em que lhe escrevo.

«O sr. Lopes Mendes alem de inebriar-me com os ricos panoramas que eu nunca vira, mas que adivinhava e reproduzia ante o meu espirito por um instincto de sonhador, fez-me a fineza de ler alguns trechos do seu interessante livro — *A India Portugueza*. Não me era preciso tanto para fazer a psychologia do seu espirito. Os seus desenhos revelavam-me a typica feição de sua intelligencia. Logo vi que o seu culto pela Natureza indicava a fórma do seu espirito eminentemente topographico e o seu estylo fielmente natural. A o seu gosto pela Arte preside ás suas concepções de viajante arrojado e dá á sua descripção a poesia da alvorada para logo se mudar no baço esbatido do crepusculo. É grandioso quando a natureza se lhe apresenta pela sua face omnipotente do bello horrivel; é sereno e idealista quando ella brinca nos calices do prado e afaga a gentil coma da palmeira. Nada inventa, mas acompanha fielmente o seu lapis austero e luminoso. Elle assim o diz na *advertencia* ao livro depois de confessar que não é a gloria o seu fito: mas sim estimulado pelo desejo intimo de sermos util ao nosso paiz perpetuando pelo desenho os gloriosos monumentos que por lá vimos — testemunho eloquente da nossa passada grandeza na Asia. Tal é o fim principal d'esta publicação. Iremos tambem seguindo as nossas recordações apontando o resultado d'alguns estudos que então fizemos relativos não só aos nossos desenhos do natural que ao diante apresentamos, como aos variados pontos da geographia, historia, geologia, agricultura, religião, usos, costumes e leis dos povos do Estado da India.

«Tal é o livro que o sr. Lopes Mendes está a publicar por conta do governo e que tem merecido os mais subidos e justos elogios da sociedade de Geographia, da imprensa periodica e do publico illustrado. Ninguem mais competente do que s. ex.ª para um trabalho d'esta ordem, elle que percorreu a India toda nos governos de Torres Novas, Pestana e S. Januario e aos quaes mereceu sinceros encomios pelo seu talento e pelo seu amor desinteressado ao trabalho.

«A *India Portugueza* do sr. Lopes Mendes são dous grossos volumes com trezentos e tantos desenhos originaes e mappas geographicos, chorographicos e topographicos. Vae prefacial-o o solitario de S. Miguel de Seide, nosso erudito romancista, o sr. Camillo Castello Branco.

«Politicamente fallando em nenhuma epoca melhor este livro poderia vir á luz: é elle um protesto mudo d'um portuguez amante da sua patria e cioso das suas malbaratadas glorias.

«Eu no escaninho humilde do meu retiro não tenho a voz sufficientemente auctorisada para proclamar os seus meritos, nem phrases devidamente polidas para engrinaldar-lhe a sua obra. Como portuguez me orgulho de vêr que ainda ha homens da fibra de Herculano em meio d'esta degeneração assombrosa de caracteres; e desde já, como um dos mais obscuros filhos da India, aqui lhe testemunho o meu mais profundo reconhecimento e dou-lhe os meus mais sinceros emboras.

....

Lisboa, 7 — 12 — 85.

F. d'Ayala.

Ponte de ferro, sobre o Mondego, em frente de Coimbra

Teixeira de Vasconcellos, o escriptor aprimorado, cuja prosa elegantissima todos saboreiam com deleite, fallando das margens do Mondego juncto de Coimbra, diz assim com propriedade e encanto inexcedivel:

«São bellas as margens do Rheno desde Moguncia até Colonia; as do Sena, as do Goronna e as do Rhodano ostentam maravilhas com que a natureza e a arte em competencia as enriqueceram, porem nenhumas tão encantadoras e tão opulentamente viçosas como as do Mondego ali perto de Coimbra. Em nenhuma outra parte da terra a natureza brilha com tanta suavidade e sorri com tamanho amor.

....

«De mim digo, com verdade, que ainda não vi na Europa cidade, rio e campo, que fizessem esquecer aquelle pedaço de terra portugueza que o Mondego banha de suas aguas crystallinas, desde a quinta da Boa-vista, á qual fica fronteira na margem opposta a quinta das Cannas com a sua lapa dos poetas, até á Memoria, onde o rio voltando-se, como para se despedir de Coimbra, muda de rumo para o occidente». (1)

A ponte representada na gravura atravessa o Mondego exactamente a meio d'esse *pedaço de terra portugueza* a cuja formosura se refere Teixeira de Vasconcellos com tamanho encarecimento e não menor verdade.

É por isso a ponte um dos passeios mais attrahentes e concorridos de Coimbra, e não só ella mas a avenida que se lhe segue, alem do rio, por entre insuas viçosas e fertilissimas, orlada de altos choupos, de frondosos alamos e platanos, e dominando extensos pomares de laranjeiras, que na primavera embalsamam o ambiente com o aroma suavissimo das suas flores.

A nova ponte de ferro foi baseada sobre os fundamentos da antiga ponte de cantaria, parte da qual fora construida em tempo d'el-rei D. Manuel, e parte muito anteriormente, talvez no reinado de D. Affonso Henriques.

Não se deu á nova ponte a total extensão da antiga, parte da qual, talvez um quarto do seu comprimento, foi substituida por um viaducto de aterro, na margem esquerda do rio. Tem a nova ponte de ferro a extensão de 217m,40.

O taboleiro consta de oito tramos ou divisões, que nem todas são eguaes entre si, porque tendo-se deliberado aproveitar, para fundamento dos pegões, as bases da antiga ponte, que não tinha os arcos em distancias rigorosamente symetricas, foi mister contemporisar com esta irregularidade, pois d'outra fórma custaria grandes sommas a preparação de novos fundamentos nos pontos correspondentes aos vãos dos arcos da ponte velha.

(1) A Ermida de Castromino.

Os comprimentos dos tramos são os seguintes a contar do lado da cidade:

1.º	34m,20
2.º	32m,00
3.º	23m,80
4.º	23m,80
5.º	23m,80
6.º	28m,00
7.º	28m,00
8.º	23m,80

A demolição da antiga ponte foi começada em 14 de Junho de 1873 a concluiu-se em fins de Setembro do mesmo anno. Por este tempo já estava em construcção a nova, que ficou concluida em 15 de Agosto de 1875. Antes de completa, patenteou-se ao transito do publico, em 8 de Maio do mesmo anno.

Fez-se com a obra o dispendio seguinte:

Demolição da ponte velha, remoção de materiaes, ponte de serviço, etc.	2:925$700
Expropriações de casas na margem esquerda	1:230$000
Construcção da avenida na margem esquerda	6:103$865
Obra de ferro assente	53:149$770
Pintura	1:159$450
Obra de pedra e de madeira	37:161$910
Total	101:730$695

Esta construcção, pelo lado estetico, deixa muito a desejar; e todos que apreciam a formosa paysagem do Mondego, em frente de Coimbra, lamentam que não se sacrificasse um pouco de economia, preferindo-se uma ponte de pedra que se harmonisasse com as bellezas do sitio.

A. M. Simões de Castro.

DR. JOAQUIM JOSÉ PIMENTA TELLO

Se a palavra instincto não fosse um termo vago e mal definido, se a não empregassemos sómente para designar um acto, ou mesmo um sentimento, que não derivam do raciocinio consciente ou da experiencia anterior, se emfim á acção chamada instinctiva se concedesse mais alguma cousa do que uma operação e um movimento reflexos, diriamos, sem receio de contestação, que foi o instincto que nos aproximou do dr. Pimenta Tello.

Ha alguns annos, fomos a Madrid, por occasião d'uma d'aquellas viagens, delineadas d'aqui pelo fallecido diplomata Fernandez de los Rios, nas mais mimosas condições de barateza e de caricias aos portuguezes, como elle as sabia preparar na sua já hoje conhecida propaganda d'affago e engodos, e, pelo caminho, travámos pela primeira vez relações com aquelle intelligente medico, que fazia egualmente a mesma jornada de prazer e de festa. Quasi da mesma edade, medicos militares ambos, attrahiu nos logo a conformidade do mesmo officio, do mesmo destino, do mesmo mau fado até, porque isto de ser medico do exercito é na carreira publica e na carreira de sciencia o que entre nós se conhece de mais desprotejido, colligada com o mesmo ardor e impaciencia de vermos que o mundo era mais alguma cousa do que o Algarve, patria do dr. Tello, e do que Lisboa, que era então a nossa muralha da China.

Depois, em um famoso banquete que nos offereceram os jornalistas de Madrid, ficámos perto um do outro, e ahi nos ligámos mais e melhor, assombrados, maravilhados ambos pela eloquencia do grande orador Emilio Castelar, o qual, em um caloroso brinde ao sentimento sublime da amisade, e em lastimosas endechas, condemnou os erros da *educacion del sable* e do *bautismo de sangre*, affirmando que um tão suave sentimento necessariamente *ha bebido en el cielo su divina essencia*, e cantando, como só elle sabe, a *fuerza y a conquista pela predicacion, amor y fraternidad.*

Recolhendo d'esta digressão a Espanha, deixámos de nos avistar por bastantes annos, e sómente em 1880, quando o dr. Tello veio á camara, eleito pela terra da sua naturalidade, é que reatámos essa boa amizade, engrandecida depois successivamente pela gratidão que devemos a Joaquim Tello, e pelo pleno conhecimento do seu talento e do seu leal caracter.

Não faltam ao dr. Tello nem a instrucção profissional, nem os dotes clinicos, é certo; mas porque se entregou de coração á politica e ao jornalismo, porque entrou logo n'uma certa vida elegante, quando foi transferido e empregado na capital na commissão da reforma do regulamento geral do serviço de saude do exercito, e ainda talvez

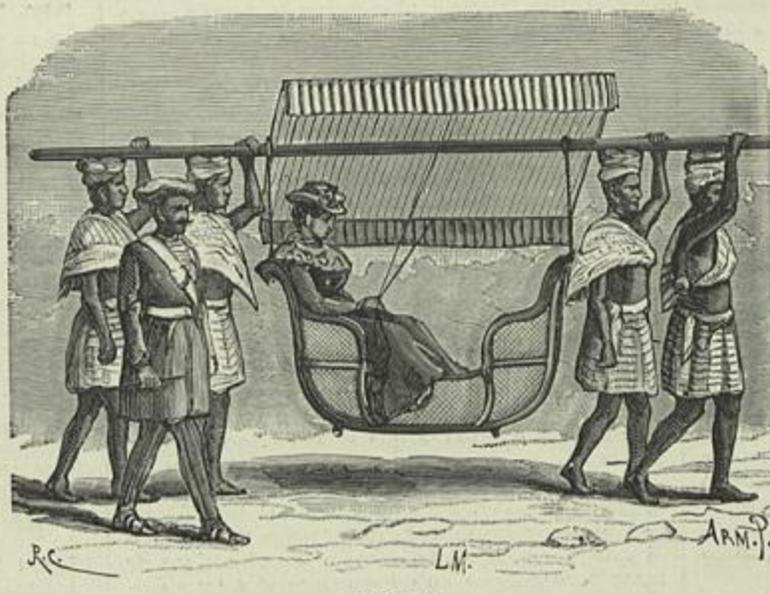
A INDIA PORTUGUEZA

BOTIQUEIRO GENTIO

MULHER GUGYR

BRAHMANE GENTIA

OURIVES GENTIO

MAINATA OU LAVADEIRA GENTIA

MACHILA

VENDEDEIRA DE MISSANGA

BOTTO

CRIADO DE SERVIR

MENDIGA

GARUPEIRO VENDENDO MISSANGA

COSTUMES INDIANOS (Desenhos do artista amador sr. Lopes Mendes)

porque lhe falte a resolução e o soffrimento para a lida clinica, o que é verdade é que o dr. Tello é hoje muito mais homem da politica do que sacerdote da velha sciencia do famoso medico de Cos. Interessa-lhe muito mais a reforma do codigo administrativo ou a reorganisação da guarda fiscal do que a existencia authentica do *phthirius* nos typhosos ou do que o projecto da creação de uma cadeira de bacterioscopia. Mas, emfim, como lá se diz: *on ne peut courir deux lièvres à la fois.....* politica e medicina ao mesmo tempo, constituiria excepção áquelle veridico proloquio.

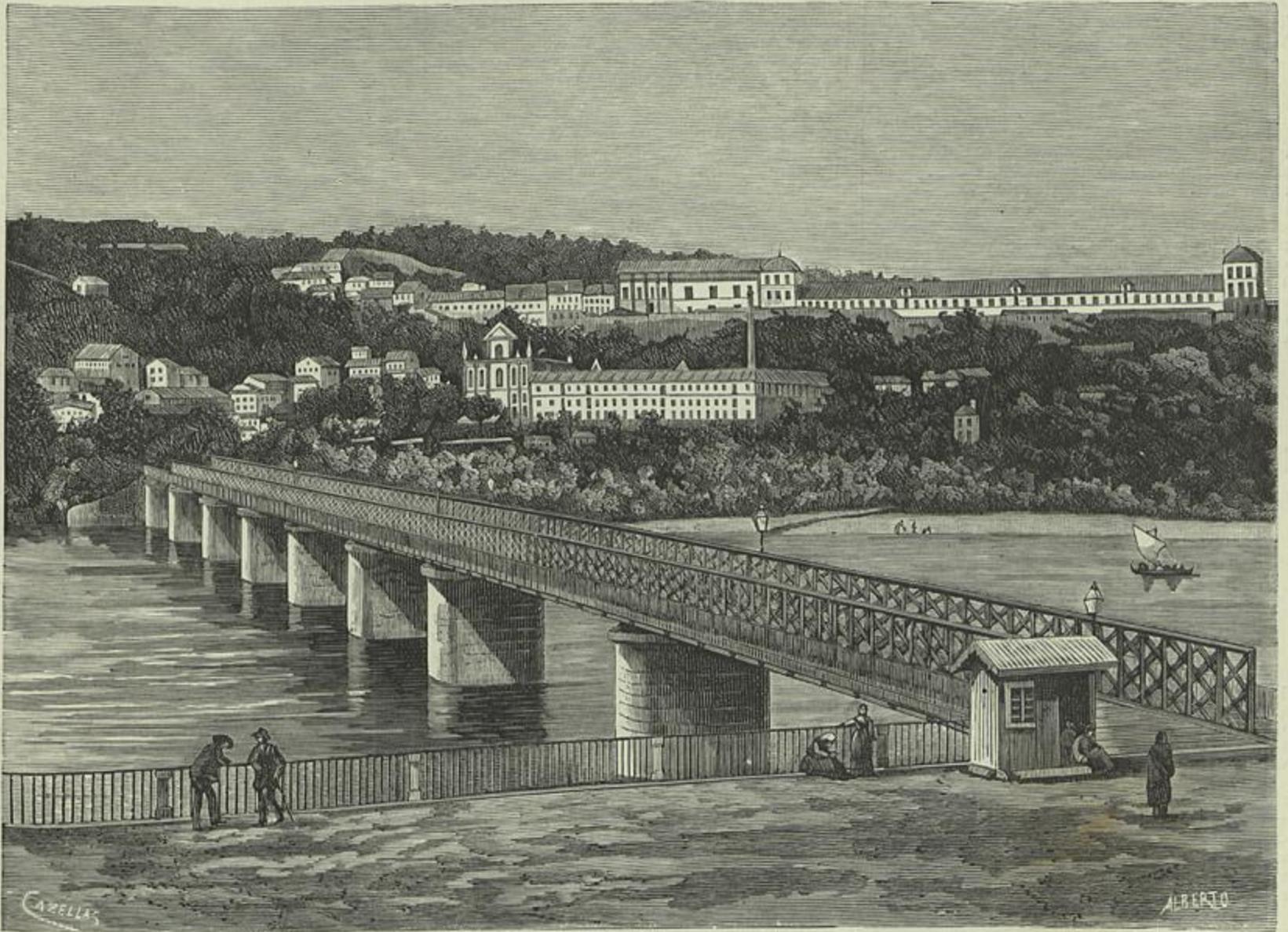
Na camara, como deputado, e na redacção do jornal as *Novidades,* de que ininterruptamente tem feito parte desde a sua fundação, foram tão manifestas as suas provas de talento e de affecto ao partido progressista que o nobre ministro das obras publicas, Emygdio Navarro, ao tomar conta do seu ministerio, escolheu logo o dr. Tello para seu secretario particular.

É n'este cargo, aos 45 annos, pois nasceu a 6 de fevereiro de 1841, que o vem colher a nomeação de chefe da repartição da industria do mesmo ministerio, recentemente feita pelo ministro respectivo, e este despacho só em si é bastante para dar a medida do alto conceito em que o sr. Emygdio Navarro lhe aquilata os meritos e a capacidade. Dirigir a repartição de industria é um arduo emprego, é nma elevadissima missão, é estar relacionado de bem perto com as sciencias mathematicas, physicas e chimicas, é tractar, a todo o instante, ora com a biologia ora com a sociologia.

Dando-lhe os nossos parabens pela sua nova nomeação, que sentimos, todavia, porque o aparta da nossa confraternidade medica, affirmamos que tudo se póde fiar da sua habilidade e sufficiencia, augmentadas com a experiencia e a madureza dos annos e do exercicio do difficil cargo que lhe foi agora commettido.

Hontem ainda, veio publicada no Diario a mercê de Cavalleiro da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição, com que o governo galarduou os bons serviços prestados pelo cirurgião mór, Tello, na direcção da enfermaria provisoria de Villa Real de Santo Antonio, por occasião da epoca trabalhosa de receios de invasão cholerica no anno findo.

Ainda uma observação e vamos acabar. Depois das 7 horas, não lhe falem de medicina nem de industria... olhem que o vão enfadar com certeza.

À noite, o dr. Tello não é medico, nem cirurgião mór, nem deputado, nem chefe de repartição, é um rapaz que adora os divertimentos em geral, e o theatro em particular.

COIMBRA — Ponte de ferro sobre o Mondego (Segundo uma photographia)

É o caso já sabido e combinado do *utile dulci.*

Mas, não escalemos o *muro da vida particular;* nem elle gostaria talvez, comquanto nada tivessemos a dizer que não fosse honroso e digno, nem nós temos outro fim a não ser prestar a homenagem devida ao seu talento, e, ao mesmo tempo, felicital-o pelo elevado cargo que foi agora chamado a occupar e exercer.

G. Ennes.

O poeta Nicolau Tolentino de Almeida

(Concluido do n.º 278)

O poeta Tolentino era de estatura alta, cheio do corpo, de rosto redondo, pelle clara e rosada, olhos pardos, nariz regular, bocca larga e engraçadissima, dentes bellos, andar nobre e pausado.

Era taful no trajar e assaz prendado.

Exercitado no jogo das armas brancas, tinha franco accesso nas casas de toda a juvenil nobreza do seu tempo, onde taes exercicios eram quasi exclusivo passatempo.

Durante a sua frequencia na Universidade de Coimbra, portou-se como bom estudante, mas um pouco *cabola* e não havia mesada, que lhe chegasse. Foi alli, o que mais tarde confirmou, um grande gastador.

Pela morte de sua mãe em 1767 interrompeu os seus estudos uiversitarios, já por ser amiscissimo d'ella, já porque seu pae cahiu n'um estado tal de angustia, pelo mesmo motivo, que descurou completamente o seu mister de advogado, minguando-lhe assim e por algum tempo os necessarios recursos.

Tolentino n'esse apertado lance, tratou de obter emprego e é d'esse tempo que datam as suas exageradas choradeiras.

Nunca foi jogador de profissão, como alguem interpretou pelos seus versos; jogava sim, por mera distracção, como era uso em geral jogar-se, na sociedade lisboeta. Cremos mesmo que esse entretenimento, para elle, era um meio de captar sympathias entre os fidalgos, expondo praticamente o seu finissimo trato á prova dos que lhe poderiam ser uteis.

Logo que foi despachado professor de rethorica, alugou casa na rua da Rosa e mais na dos Fanqueiros, mas com a capacidade estrictamente indispensavel para dar aula, porque a sua assistencia permanente foi, até 1780, em casa de seu pae.

Conviveu dentro e fóra da Academia com seu primo, o dr. José Bonifacio de Andrade e Silva — o patriarcha da independencia do Brazil, onde se lhe levantou uma estatua.

Não teve relações intimas com Bocage, porque quando este veiu pela primeira vez a Lisboa, em 1782, contando apenas 16 annos de idade, já Tolentino passava dos 42 e achava-se collocado n'uma posição seria de mais, para entrar em camaradagem com as verduras, que levaram aquelle poeta a seguir o caminho da India.

Em 1783, logo que teve a effectividade na secretaria de Estado, foi morar para a Junqueira, montando desde logo carruagem, como usavam os do mesmo officio, e vivendo largamente, em companhia de sua irmã D. Anna e de seu sobrinho, o beneficiado Gonçalo José Maria, filho da dita senhora. Nenhum dos outros irmãos do poeta viveu em sua companhia.

Em 1785 Tolentino alargou em muito o seu

campo de acção pelo casamento de um outro sobrinho com uma senhora muito illustre, parenta proxima da mimosa poetisa Alcipe, etc.

Tem-se dito, que o logar de official de secretaria, que Tolentino desempenhou durante 28 annos, era menos considerado do que hoje. Nós não podemos concordar com semelhante asserção, pelas razões que vamos apontar: era um emprego dos mais rendosos, adornavam-se os officiaes de secretaria com um fardamento especial acompanhado de uma determinada insignia pendente de uma fita preta, tinham todos carruagem e eram seguidos, como são hoje os ministros de Estado, por uma especie de correio a cavallo com os seus uniformes e chapa ao lado que lhes servia de distinctivo, etc.

A não ser isto um emprego de primeira ordem, revestido de todos os requesitos, para assim o deverem considerar; então não sabemos como se entendam e possam classificar estas cousas.

A maior protecção e amisade que teve Nicolau Tolentino e sua familia foi a da dos viscondes de Villa Nova da Cerveira.

*
* *

Foi, desde a entrada dos francezes em Portugal, que Tolentino perdeu a galhofa e se tornou taciturno; mas o que sobretudo o acabrunhou, e, por assim dizer, lhe abriu a cova, foi a morte da sua irmã D. Anna, em o dia 1.º de março de 1811, essa, que havia sido a sua constante companheira durante 31 annos! Este golpe foi deveras o mais profundo; não lhe pôde resistir mais que 113 dias! Assim falleceu Tolentieo, como já dissemos, na casa á rua dos Cardaes de Jesus, para onde tinha vindo da Junqueira em 1808 e apenas alli residiu tres annos.

*
* *

As *Memorias de Tolentino*, que daremos á luz em breve, tratarão mais circumstanciadamente do referido assumpto.

Visconde de Sanches de Baena.

Uma visita ao Limoeiro

V

A sala n.º 1 é a parte do edificio que, segundo parece, conserva alguma coisa dos antigos paços de S. Martinho, depois das successivas reedificações por que passaram, sendo a mais importante mandada fazer pelo marquez de Pombal, para alli estabelecer a cadeia civil da cidade.

Esse alguma coisa dos antigos paços de S. Martinho, são as quatro columnas que existem na sala e uma das janellas — a maior — junto da qual, diz Fernão Lopes, o mestre de Aviz vibrou, com um cutello, um golpe á cabeça do conde de Ourem, João Fernandes Andeiro, deixando-o por morto.

O caso, ainda que muito conhecido para os versados na historia, não o é tanto que me chamem massador ou me façam por ahi boneca, se aqui o contar muito resumidamente.

Pela morte de el-rei D. Fernando I, assummiu a regencia do reino a sua viuva D. Leonor Telles, que pela sua vida licenciosa tinha levantado contra si a indignação do povo, ao qual a desastrada politica de el-rei D. Fernando fizera attentar nos destinos da patria, gravemente ameaçada pela visinha Hespanha, que empregava todos os meios até á intriga, em que um dos seus melhores instrumentos era D. Leonor Telles, para se assenhoriar do povo portuguez, idéa velha e acariciada na mente de cada hespanhol, a que o tempo, que tudo consomme, ainda não conseguiu desfazer.

A atitude da nação quando D. Fernando ia esconder no tumulo o seu vergonhoso reinado, era pronunciadamente hostil á monarchia reinante, e assim o tinha demonstrado em varias manifestações populares, de que a mais ruidosa, em que teve o principal papel o alfaiate Fernão Vasques, obrigara o rei a fugir da côrte, muito embora o povo deixasse pender da forca o corpo do celebre alfaiate.

As palavras que os camaristas de Lisboa, ou *bons da cidade*, como lhe chama Fernão Lopes, dirigiram á regente, quando esta os recebeu nos paços de S. Martinho, onde a foram desanojar, revelam claramente que o povo estava resolvido a intervir na governação publica, fazendo indicações tendentes a alargar as proprias garantias e a defender-se, pelo menos, da intervenção de Hespanha nos negocios de Portugal.

D. Leonor comprehendeu tanto isto assim como a posição falsa em que o seu procedimento a tinha collocado, que procurou remediar tudo, dando razão ao povo e promettendo attendel-o, e annunciando solemnes exequias por alma de D. Fernando, para que ao menos désse alguma prova publica do seu sentimento e respeito pelo finado rei seu marido.

Para este fim fez expedir convites a todos os fidalgos do reino para assistirem a essas exequias.

Celebraram-se as ceremonias religiosas sem incidente desagradavel, apezar do receio que havia de que fossem perturbadas, e o conde de Ourem não exitou em comparecer, não obstante as razões que o deviam envergonhar de apparecer em tal acto.

Entretanto o mestre de Aviz e os seus partidarios não podiam soffrer o governo de uma rainha devassa e toda hespanhola, e procuravam dar o primeiro toque de alarme, desfazendo-se do conde de Ourem, amante de D. Leonor Telles.

De todos os fidalgos e mestres do reino, era o mestre de Aviz aquelle de quem mais temia a rainha, e por isso procurou afastal-o, nomeando-o fronteiro de Riba-Guadiana, ao constar-lhe que D. João de Castella se preparava para invadir Portugal.

Partiu o Mestre d'Aviz em cumprimento da sua commissão, mas remoendo a idéa de matar João Fernandes Andeiro, resolveu voltar á côrte sob qualquer pretexto, e quando entrou com a sua gente armada nos paços de S. Martinho, causou grande extranheza, apezar de se ter feito previamente annunciar á regente.

Estava esta nos seus aposentos, acompanhada por algumas damas e cavalheiros, entre os quaes se achava o conde de Ourem.

O mestre de Aviz explicou as razões porque voltára, as quaes eram pedir maior numero de homens para o acompanharem no arriscado serviço que lhe fora ordenado, ao que a rainha, não sem dissimulação annuiu, ordenando que lhes fossem dados todos os homens validos de Riba-Guadiana e seu termo.

Dito isto a conversação continuou animada entre os circumstantes, e João Fernandes Andeiro levou a sua amabilidade ao ponto de insistir com o mestre de Aviz para que jantasse com elle n'aquelle dia.

Este facto, no meio das circumstancias que se davam de parte a parte, não podia ser tomado á conta de simples desejo obsequiador, senão que de requintada velhacada, em que se acobertava os mais sinistros planos.

O mestre de Aviz assim o entendeu, e não querendo deixar para mais tarde o plano concertado com Alvaro Paes, convidou João Fernandes Andeiro a acompanhal-o á sala immediata, e alli depois de curtas palavras, vibrou-lhe á cabeça um golpe de cutello que o estendeu sobre o pavimento.

Em seguida acabaram de matar o conde de Ourem, alguns homens do mestre de Aviz, emquanto que outros, conforme estava combinado, gritavam da janella para a rua, que dentro do paço corria risco a vida do mestre de Aviz.

Estava dado o primeiro passo para a grande lucta que se ia travar entre o povo e as velhas tradições fidalgas.

Esse grande passo fôra dado n'aquella sala em que estavamos, e que por uma d'aquellas contradicções, tão vulgares, se acha hoje transformada em prisão.

E que esse primeiro passo fôra sellado com um crime e o crime estigmatisou com tal vigor aquelle recinto, que primeiro cahiram as paredes que elle deixasse de viver sob ellas.

O aspecto que a sala n.º 1 apresenta não tem nada de singular com respeito ás outras salas.

As proprias columnas que lá estão, em nada nos provam que fosse aquella a sala do assassinato, porque para isso seria preciso saber se as outras salas dos antigos paços não teriam tambem columnas e janellas como aquella.

Entretanto dentro da cadeia corre a lenda de que foi n'aquella sala que teve logar a horrivel tragedia.

Hoje tem alli logar sómente algumas escaramuças entre os presos, as quaes não são com certeza para libertarem a patria e muito menos para se libertarem a si, porque apenas consiguirão aggravar a sua situação, indo passar alguns dias no Segredo ou na Casa Forte.

Para os presos entrarem para esta sala ou para qualquer das outras que são em numero de quatro teem a pagar por uma só vez a modica quantia de mil réis, ficando com casa para todo o tempo que lá estiverem.

As camas são eguaes ás que já descrevemos das enxovias, e apezar de serem em numero quasi egual ao d'aquellas, nem sempre chegam para os presos, como na occasião em que fizemos a nossa visita, em que o numero de presos era de quarenta sendo o das camas apenas de vinte e oito.

D'isto resulta que parte dos presos dormem sobre enxergas assentes no pavimento.

Tanto esta sala como as outras tres que se lhe seguem, teem o chamado juiz da cadeia, que é escolhido d'entre os presos de melhor comportamento e que ao mesmo tempo seja homem bem apessoado para o que der e vier. O juiz nomeia um outro preso para escrivão, o qual tem a seu cargo a relação dos presos que entram e sahem d'aquella prisão, e nomeia mais um barredor para fazer a limpeza.

Além d'estas prerogativas que lhe dão a importancia inherente a quem tem o poder de nomear, com toda a cauda de pretendentes esfaimados, tem mais o monopolio do commercio na sua pequena aringa, vendendo café e mais bebidas e petiscos, onde não entre coisa alcoolica, aos presos seus companheiros.

Para este fim cada sala tem uma pequena cosinha, ambulante, muito semelhante á das barracas de feira em que se fazem petiscos, e em que o juiz não deixará de empunhar o abano em vez da vara.

(Continúa) *Caetano Alberto.*

CHRONICAS DE ODIVELLAS

VI

Ponhamos termo, emfim, á descripção d'este mysterioso palacio das *Mil e uma noites*, e abstenhamo-nos agora de todas e quaesquer considerações, porque de sobra as tem já feito o espirito do leitor.

Entremos pois nos gabinetes de toucar, como então se dizia, ou nos *boudoirs* como tolamente e francezmente hoje se diz. O de Paula é todo forrado de melania carmezim, com franjas e passamanes côr de oiro. Duas arcas, uma de charão azul e oiro com dois pratos de prata, n'um d'elles o penteador, e no outro o avental e toalha de finissimas rendas, e a outra de lixa negra, com pregarias e fechos de prata; um bufete de charão coberto com um panno de cambraia enfeitado de rendas de tres palmos de largura e no bufete um espelho emmoldurado de prata, e á roda d'elle todos os aviamentos necessarios para o enfeite e o aceio do idolo, e tudo de prata — jarro e salva, thesouras e escovas, fructeiras, copos, castiçal, e — accrescenta ingenuamente o auctor que seguimos, e que aliás não recúa, como já sabemos, diante do nome proprio — *tudo que não póde repetir-se.* Suppomos vagamente que elle quererá referir-se a um objecto, que tem nome francez, e que era tão desconhecido ainda ha não muito tempo nos paizes meridionaes, que em Napoles, no tempo dos Bourbons, tendo-se ausentado ou morrido um embaixador inglez, e fazendo-se leilão da sua mobilia, o pregoeiro, estacando diante d'esse objecto, que se reputa justamente como indispensavel para a limpeza de cada um, não soube designal-o senão da seguinte fórma:

— *Un oggetto in forma di violino, e ad uso ignoto.*

Pois se soror Paula, em pleno seculo XVIII, e em Portugal, tinha no seu gabinete de toucar algum d'esses objectos em forma de violino, e de uso ignoto para os napolitanos do rei Bomba, descontemos-lhe alguns dos seus muitos peccados em obsequio ao seu culto pelo aceio do corpo. O da alma, nem que a lavasse a esfregão e a côco.

Dissemos no antecedente artigo que as duas irmãs dormiam no mesmo quarto, e é exacto. Parece comtudo que nas noites em que madre Paula tinha hospede de alta cathegoria, Maria da Luz se retirava para um camarim onde se consolava do seu isolamento com todos os luxuosos atavios, que podia inventar a fantasia prodiga dos intendentes de el-rei, que tinham carta branca e as minas do Brazil á sua disposição.

O camarim de Maria da Luz era pois forrado de carmezim com franjas e passamanes de seda crua côr de oiro, o leito da moda com armação identica, laminas de prata á cabeceira e folhas de fita de prata, lençoes e travesseiro de hollanda com uma grande profusão de rendas, em que se immergia com delicias a cabeça da pequena irmã da freira, a colcha e cobertor de melania tambem, cadeiras de damasco carmezim com pés doirados

e franjas de oiro, duas tripodes de veludo com os pés de negro e oiro, bufete com dois pratos de Allemanha de prata doirada, caixa de lixa vermelha com pregarias e fechos de prata para guardar os brincos, arca de charão doirado, espelho de moldura de prata, e dentro de uma bolsa de veludo, mettido n'uma arca de crystal, aquelle vaso mysterioso, cujo nome o nosso chronista escreve, e que, apezar de ser de prata, não servia para usos mais nobres do que os que são de louça verde.

O luxo em que envolviam aquella pobre creança, que estavam assim educando para a prostituição sagrada ou para a prostituição profana, era verdadeiramente insensato. Os seus penteadores, toalhas e aventaes eram de cambraia com finissimas rendas, as suas joias eram opulentissimas, os seus aviamentos de toucador de prata doirada. N'esse ninho luxuoso poisado no beiral dos telhados de um mosteiro ia-se emplumando aquella alma gentil, por força precocemente corrompida por estes exemplos.

Na casa de cima, cujo destino não sabemos, conglobavam-se todos os esplendores, que vimos disseminados nos outros aposentos: armação de melania azul, franjas e galões de seda crua, côr de oiro, sanefas de talha azul e oiro, contadores de charão azul e oiro, e de finissima talha doirada nos pés, topetes e ilhargas, cadeiras de veludo azul, mãos doiradas, topetes e galões de oiro e prata, espelhos enormes com molduras de talha doirada, placas de vidro e serpentinas de prata, e um relogio de parede com o machinismo que lhe fazia tocar minuetos quando dava horas.

E emfim n'um dos sete quartos do aposento de baixo estavam desoito caixões de lixa negra com pregarias de prata, cheios completamente de prata, porque D. João V mandára ir para alli tres baixellas completas, e além d'isso um grande numero de arcas cheias de roupa perfumada.

Eis o que era o famoso palacio da freira de que ainda fallava com saudades, no tempo em que o famoso viajante Beckford esteve em Portugal, um clerigo italiano que lh'o desenhava um palacio de fadas.

«De que serve, conta Beckford que o italiano dizia, a gaiola mais formosa sem passaros que a aviventem? Se tivesseis ouvido a celestial harmonia das reclusas do rei João, não vos terieis contentado no vosso primoroso pavilhão com o esganiçamento dos sopranos e roucos dos rabecões. A suavidade, refiro-me áquellas vozes puras, saindo do sagrado asylo recondito, onde não é dado penetrar ente masculino, á excepção do monarcha, produzia um effeito de que ainda me lembro extasiado, posto que já lá vão bastantes annos.»

Evidentemente o clerigo italiano alludia ao paacete que acabamos de descrever, e que constituia um tão singular annexo do convento de Odivellas.

Ha nos arredores de Lisboa, nas visinhanças de Bellas, uma deliciosa quinta, conhecida pelo nome de Fonteireira, pertencente hoje ao sr. Eduardo Ferreira Pinto Basto, e que a tradição assevera que foi escolhida por el-rei D. João V para retiro campestre de uma das suas amantes freiraticas. A quinta tem o aspecto de grandeza magestosa que D. João V imprimiu e a todas as coisas, que directa ou indirectamente se prendiam com a architectura.

Seria esta freira, soror Paula, que ou para estar completamente livre da sombra de recato que ainda precisava de manter em Odivellas, ou porque a medicina lhe aconselhasse mudança de ares, viera esconder por algum tempo os seus encantos na quinta senhorial da Fonteireira?

Não sabemos, nem tivemos occasião de fazer a esse respeito quaesquer investigações.

Pinheiro Chagas.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

III

O reportorio theatral de Mendes Leal é o mais vasto que conhecemos de auctor portuguez, exceptuando o de Manuel de Figueiredo, que ninguem hoje seria capaz de ler sem bocejar, e a que faltam quasi todas, se não todas as condições que o theatro requer.

Não é aqui o logar apropriado para fazer a analyse de cada uma das peças de Mendes Leal, nem tão pouco de levantar a questão dos generos das composições theatraes que, segundo alguns criticos, são do exclusivo dominio da arte moderna. Em França, a nação que a todas as outras se avantaja na cultura da arte dramatica, vêmos resuscitar, a par do drama social, e ser recebida com applauso pelo publico, a *Torre de Nesle*, uma das mais genuinas manifestações da escola romantica, sem que a critica se julgasse auctorisada a condemnar a *reprise* de um drama que no seu tempo tamanho enthusiasmo causára nas plateias parisienses.

O maestro Gounod é de opinião que as artes scenicas não progridem, como progridem as sciencias, baseadas no conhecimento accumulado dos factos.

A arte, diz elle, não progride; mas os artistas sim. Para o comprovar praticamente propõe elle a creação de um *Museu Lyrico*, que venha a ser para as artes scenicas como o museu do Louvre para a pintura, uma exposição permanente das obras de theatro de todas as épochas, e de todas as escolas. Trouxemos estas considerações a proposito do ostracismo a que entre nós estão condemnados os dramas de Mendes Leal, alguns d'elles dignos de serem tirados do esquecimento em que as emprezas theatraes os deixam jazer, sem justificada razão.

Ha quem affirme que os dramas da actualidade, isto é, que reproduzem o viver da sociedade moderna, são os unicos que o publico acceita de bom grado, e tambem os unicos que satisfazem ás exigencias da arte. Não é verdade. N'uma sociedade limitadissima, como é a portugueza, os dramas escriptos como Sardou e Dumas os escrevem, tornar-se-iam satyras pessoaes, ou deixariam de ser o reflexo do nosso acanhado viver social. Das composicões dramaticas, posteriores ás de Mendes Leal, poucas são as que teem logrado a boa fortuna de satisfazer conjuntamente ao publico e ás exigencias da critica. O drama da actualidade requer, como todas as obras d'arte, verosimilhança na acção, coherencia no desenho dos caracteres, plausibilidade nas peripecias. Estas condições todas, que devem reproduzir a copia *exacta do natural*, ou por outra o reflexo do viver social moderno, são difficeis de subordinar á ideia dramatica, sem offensa da these escolhida para fazer propaganda no theatro.

O systema de impôr como typos geraes as suas impressões particulares, accusação feita aos dramaturgos da escola romantica, tanto, senão mais, se nos affigure merecida quando applicada aos auctores que tomam para assumpto dos seus dramas factos da vida contemporanea, não sendo raro apresentarem como typos ger es, figuras marcadas com o cunho exclusivo de creações de pura phantasia.

É por que nem a todos é dado ser Molière, ou Shakespeare, para saber fazer a sinthese das grandes paixões, ou dos grandes ridiculos da sociedade, symbolisando paixão e ridiculos em typos immortaes copiados do natural, ou estudados nos segredos os mais reconditos do coração humano.

Mendes Leal foi um poeta e um dramaturgo do seu tempo, e não se lhe podem exigir outras ressponsabilidades que lhe não pertencem. Tem mais accentuada feição nacional o theatro de Almeida Garrett do que o theatro de Mendes Leal? Negal-o seria contrariar o consenso geral da critica e da opinião popular: mas d'ahi a ficar Mendes Leal responsavel pela direcção que depois tomou o theatro portuguez, só por que elle foi o primeiro a trabalhar para o seu engrandecimento, é uma grave injustiça. Pelo facto de um escriptor qualquer não haver sido chefe de uma escola litteraria bem caracterisada, não se segue que haja direito a desconhecer-lhe o incontestavel talento, comprovado em todos os generos theatraes, desde a farça até á tragedia, passando pelo drama e pela comedia de costumes, isto é, por todas as formas theatraes de que a idéa dramatica se pode revestir.

O primeiro drama de Mendes Leal, *Os dois renegados*, foi representado no theatro da rua dos Condes a 9 de julho de 1839; e a sua ultima comedia, *Os primeiros amores de Bocage*, a 7 de junho de 1865; n'este periodo, de vinte e seis annos contados, publicou Mendes Leal quasi um egual numero de comedias e dramas, deixando ainda ineditos seis dramas e seis comedias, e uma tragedia *Viriato*, de que nos recorda ter ouvido ler alguns trechos de uma grande valentia de metrificação.

Poderá alguem, á vista d'esta simples enumeração das producções theatraes de Mendes Leal, muitas das quaes foram recebidas pelo publico com excepcionaes applausos, negar-lhe o direito a ser classificado como o primeiro dos dramaturgos portuguezes contemporaneos, exceptuando Almeida Garrett, o previlegiado auctor do *Frei Luiz de Sousa?*

Para bem avaliar os altos dotes da intelligencia de Mendes Leal, é preciso notar que este trabalhador incansavel, distinctissimo poeta, historiador e critico, fôra logo desde muito moço tentado pelas negaças seductoras da politica, perdendo em estereis e azedas controversias a vista e a saude, com prejuizo dos seus predilectos estudos litterarios.

É a este longo e trabalhado periodo da vida de Mendes Leal que allude um dos seus mais conscienciosos biographos, dizendo: «Haver assistido ao seu continuo laborar; admirado a sua constancia no trabalho quotidiano; reprehendido o seu esforço de escrever, dictando, quando a enfermidade o retinha na cama; pasmado da sua applicação aos livros com tão pouca vista; emfim, de quem lhe sabe as noites veladas e os dias jejuados; sobre tudo quando os vaivens da escandalosa politica militante d'este nosso paiz o deixaram só no posto de honra, onde combateu denodado, até que passado o perigo voltaram então os que sem a sua pennna teriam de todo perdido a representação politica».

A estas linhas, escriptas em 1859, accrescentou Silva Tullio as seguintes previsões, que felizmente se não realisaram: «Aqui nos veio entristecer o cuidado que nos dá uma existencia tão melindrosa, por compleição e fadiga, cortada incessantemente pelo trabalho, pela applicação do espirito, e sem o conforto de um porvir... que lhe dê repouso para então se rever nas suas obras, e admirar, reverdecidas, as palmas e coroas que o nosso povo, que nacionaes e estrangeiros, que todos nós lhe temos dado.»

«E ha de a patria que a um filho tão prestante, tendo d'elle, em tantos escriptos, um memorial não só de serviços mas de proesas, haverá acaso patria que se não apresse a esteiar uma vida de tanto preço, mas tão debilitada que não poderá, só com o arrimo do seu braço, deitar a longe?»

Estas lugubres suspeitas felizmente não se realisaram. Um quarto de seculo depois, Mendes Leal vivia ainda cheio de honras e dignidades, tendo sido por duas vezes ministro da corôa, e representado a nação com dignidade summa em Paris e em Madrid, na qualidade de nosso enviado e ministro plenipotenciario.

Ainda ha poucos annos, em 1880, escrevia Mendes Leal o prologo da edição dos *Lusiadas* feita no Porto; e no desempenho de suas funcções officiaes o livro impresso em Lisboa no anno seguinte, intitulado *La légende et l'histoire*, a proposito dos negocios politicos e financeiros de Portugal, desde 1825 a 1880.

Foi ácerca d'este ultimo trabalho, impresso, de Mendes Leal, que o sr. Pinheiro Chagas escreveu no *Correio da Manhã*: «Aquelle eterno estudioso, que não recuava deante dos assumptos mais aridos, aquelle infatigavel trabalhador que subjugava com uma tenacidade inabalavel as fraquezas do seu organismo, sempre que se incumbia de uma tarefa, estudava-a a fundo, exgotava-a completamente. Ainda ultimamente, para cumprir, como elle o entendia, a sua missão diplomatica em Paris, escreveu um magnifico livro *La légende et l'histoire*, em que se revela o mais obstinado trabalho ao lado da mais aguda prespicacia.»

Diz-se, não podemos ainda averiguar a asserção, que Mendes Leal pensava ultimamente em escrever um livro, sobre os homens e as coisas do seu tempo, principalmente sobre os homens da sua mocidade, sendo possivel que este livro exista inédito, no todo, ou em parte, em poder da sua herdeira. Se assim é, este livro deve lançar muita luz sobre o periodo que decorre de 1839 a 1860, epocha da maior actividade litteraria do auctor, e em que os elevados encargos publicos lhe não absorviam de todo o tempo.

(Continúa) *L. A. Palmeirim.*

RESENHA NOTICIOSA

NAVIOS NOVOS. Acham-se já no Tejo ha dias, os dois pequenos vapores *Massabi* e *Cacongo*, destinados á navegação do rio Zaire, no novo districto do Congo. E foi lançada á agua no dia 30 a nova canhoneira *Zambeze*, construida no Arsenal da Marinha. É um bello barco todo trabalhado n'aquelle estabelecimento; casco, machina, caldeiras e mais accessorios. O casco é de teca e carvalho do reino, mede 43m,60 de comprido, tem 8m de bocca, 5m,65 de pontal, e tem 584 toneladas de arqueação. Arma em brigue-barca, e é artilhada com um rodizio de 3,5 e duas peças de amurada, montadas em reparos authomaticos A sua construcção levou apenas 18 mezes, e já se deu principio na officina de carpinteria de branco aos trabalhos para a camara e mais compartimentos internos.

BUSTO DE HINTZE RIBEIRO. O notavel esculptor portuense Soares dos Reis acaba de concluir um

bello busto do sr. Hintze Ribeiro, destinado ao gabinete de leitura da Associação Commercial do Porto.

Liberdade litteraria nos Estados Unidos. Diz-se, e é verdade, que a liberdade nos Estados Unidos é amplissima, porém diremos é amplissima, porém debaixo de um ponto de vista é restrictissima, porque cada um póde gozar d'ella, mas só por modo que o seu exercicio não incommode, cause transtornos ou prejuizos aos outros. E esses prejuizos sejam causados pelos particulares, ou pelos municipios, ou pelo Estado, são sempre resarcidos por quem lhe foi causa con ou inconscientemente. Entre nós a fazenda publica, ou os seus agentes, o Estado ou os municipios, não pagam o incommodo, transtorno ou prejuiso de ninguem, e os mesmos particulares é raro que a tal sejam obrigados. Lembraram-nos estas cousas a proposito de uma disposição legal que foi adoptada e promulgada ha dois ou tres annos pela Assemblea de Nova-York, e é a seguinte: Todo o individuo que ministrar qualquer obra em que se contenha um romance, a um menor de deseseis annos, sem auctorisação previa e por escripto dos seus parentes ou tutores, incorre em um delicto que será punido com prisão ou com uma multa até á quantia de cincoenta dollars. — Veja-se se algum deputado se atreve a apresentar cá um projecto similhante.

Hospital. Foi inaugurado ha poucos dias, em Arganil, o novo hospital, instituido pela sr.ª condessa de Canas, para cujo custeio a benemerita bemfeitora legou o rendimento annual de 2:517$000 rs.

Dr. Joaquim José Pimenta Tello (Segundo uma photographia de A. Fillon)

Throno de oiro. Vae ter um throno de oiro o imperador da China. O governador de uma das provincias já enviou ao Tao-Tai de Tung-chou a bagatella de tres mil tijolos de oiro do tamanho ordinario dos de barro, e ia ser nomeada uma commissão para os examinar. Tres mil tijollos só para pedestal do throno! exclama um jornalista, a mim já me contentava uma duzia!

Centenario. Tem se celebrado em Buda-Pesth (Hungria) a celebração do bi-centenario da tomada da cidade. O cardeal Simon pronunciou um discurso, apresentando o acontecimento que se celebra como uma festa de grande importancia para toda a christandade. Leão XIII dirigiu por esta occasião ao clero hungaro uma encyclica, na qual depois de recordar a fidelidade dos hungaros á egreja, passa em revista os males que a affligem, julga-se feliz por acreditar que os hungaros tem desprezado as novas doutrinas, excitando-os e o seu clero a fazerem desapparecer das suas leis todas as que ferem as prerogativas da egreja. Esta encyclica dirigida aos hungaros, tem realmente de produzir os seus effeitos em todos os paizes catholicos.

Susto comico. Na Camara dos communs de Inglaterra houve ha dias um terror tal, que... dá vontade de rir. Um dos secretarios, viu do seu logar um embrulho n'um dos assentos, onde tem parte a minoria irlandeza. Estava o assento vasio, e o secretario dirigiu-se a elle, com grandes precauções; as suas suspeitas porém converteram-se logo em grande pavor, quando ao approximar-se, percebeu que do embrulho partia um ruido similhante ao que produz a machina de um relogio. — «Ha aqui uma machina infernal», bradou elle; e n'um abrir e fechar d'olhos os illustres representantes da nação ingleza correram desvairados para os corredores, atropellando-se ás portas. N'um momento a sala ficou vasia. Chamou-se a policia, e os deputados ainda cheios de terror, viram sair lá de dentro um *constable*, com o terrivel embrulho na mão, trazendo-o para fóra; mas mal tinha chegado á porta da sala, quando se encontra com o deputado irlandez Mac-Lartan, que entrava, o qual sem cerimonia alguma e com um movimento repentino arranca o embrulho das mãos do policia, dizendo que era seu, e vae tornar a collocal-o debaixo da sua cadeira, onde se assentou. Averiguado o caso, tinha elle comprado n'aquella tarde um relogio de fogão, e tinha-o guardado alli, afim de o levar, quando se retirasse para a sua residencia de verão. O *Punch*, que boa pagina te deve dar isto!

Barco prehistorico. Andando alguns operarios a fazer uma escavação para os fundamentos de um gazometro na cidade de Brigg, condado de Lincolnshire (Inglaterra), encontraram um corpo que ao principio tomaram por um simples tronco de carvalho. Continuando a escavação com cuidado reconheceu-se pouco depois que esse corpo constituia um barco. Mede elle 15m de extensão por 1m,50 de largo e 1m,20 de altura. É um tronco unico de carvalho de perfeita regularidade, no qual foi excavado o interior do barco, como os que ainda se vêem hoje na America. A proa é curva, assimilhando a forma do esporão. A popa é formada por duas taboas que se introduziam pelas ranhuras abertas no interior do costado. Estas taboas, que faltavam no barco, foram depois encontradas a alguma distancia. Junto ás ranhuras o barco apresenta uma serie de orificios alternados, por onde parece que deviam passar cordas que apertassem as taboas. Não é este o primeiro achado d'este genero. Já tinha sido encontrado outro em Inglaterra, e alguns no lago de Zurich

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Bibliotheca do Povo e das Escolas, David Corazzi, editor, Lisboa, n.º 136, *A unidade da natureza*, pelo professor Rodrigo de Boaventura Martins Pereira, lente da Escola Medica de Lisboa. Nada mais agradavel que apreciarmos a magnificencia da natureza em todas as suas relações e unidade, e mais agradavel ainda é o podermos entrar n'essa apreciação sem grandes fadigas de estudos complicados, encontrando um assumpto tão vasto resumido nas 64 paginas de um folheto que dá luz bastante para se avaliar tão complicada questão. Aos curiosos de saber recommendamos o pequeno livrinho.

Critica Amena. *Revista litteraria contemporanea;* proprietario Augusto Forjaz. N.º 2, agosto de 1886. É este o titulo de uma nova publicação em que collaboram brilhantemente os mais festejados escriptores portuguezes, do que nos dá uma bella prova o numero presente. Ensere este numero grande variedade de pequenos contos e poesias notaveis, em que figuram os nomes de Julio Cesar Machado, Luiz Guimarães, Anthero do Quental, Alfredo Gallis, Luiz da Silva, Gonçalves de Freitas, Eça de Almeida, Alberto Pimentel, Augusto Forjaz, etc. É de esperar que tão distincta publicação tenho o acolhimento de que é merecedora.

A Vigilia, *factos da actualidade (critica litteraria, politica e de costumes)* pelo sr. Camillo Queiroz. N.º 1 programma. Setembro e Outubro. — Lisboa 1886. — O auctor citando um trecho de Balzac, diz que não se quer julgar o censor do seu tempo, mas que faz a citação para estabelecer a distancia entre o seu methodo e o dos saltimbancos da critica. Depois em varios artigos achamos algumas idéas justas e sensatas, embora não gostemos de certos modos, que parecem destoar um pouco do exercicio serio d'este nobre sacerdocio. Estimaremos a continuação de vida ao collega.

Fastos Historicos da Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640 ou O Monumento aos Restauradores de Portugal, pelo visconde de Sanches de Baena, socio da Academia Real das Sciencias, do Instituto de Coimbra, etc. Segunda parte. Lisboa, Typographia de Mattos Moreira, 1886. Nas 146 paginas d'este livro, nitidamente impresso, reune o sr. visconde de Sanches de Baena toda a critica que a imprensa portugueza e extrangeira tem escripto a respeito das suas obras, assim cartas que varios homens de lettras lhe tem dirigido a proposito d'essas mesmas obras, o que tudo é bastante honroso para o auctor criticado. Constitue isto, para assim dizer, a primeira parte do livro, que o sr. visconde de Sanches de Baena encabeça com o titulo *A critica, o auctor;* a esta parte segue-se *O auctor á critica,* breves palavras de agradecimento. A terceira parte tem por titulo *As festas da inauguração,* em que o auctor relaciona as festas que se fizeram por occasião da inauguração do monumento aos restauradores de Portugal, acompanhada de uma estampa do monumento, e conclue por uma synopse da subscripção obtida para o monumento, a qual subiu á importante cifra de 60:578$864 réis, dos quaes mais de metade foi obtido no Brazil sob a influencia do mesmo sr. visconde e do sr. commendador Francisco Lourenço da Fonseca, e o restante dado pelo governo portuguez e camara municipal de Lisboa, etc. O sr. visconde de Sanches de Baena affirma mais uma vez n'este seu livro, o quanto é infatigavel a sua actividade, e quanta dedicação lhe merecem todos os assumptos que se prendem com o engrandecimento e bom nome da patria.

Diccionario Universal Portuguez Illustrado, dirigido e editado por Henrique Zeferino de Albuquerque, Lisboa. Fasciculo 88 que continua sustentando os creditos dos seus precedentes.

Gil Braz de Santilhana, por Lesage, traducção de Julio Cesar Machado, David Corazzi, editor, Lisboa. Fasciculo 32 d'esta luxuosa publicação, a mais notavel, que modernamente está sahindo de prelos portuguezes.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.